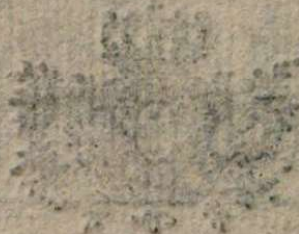
CARTA
DE
HUM PROVINCIANO
A HUM SEU AMIGO DE LISBOA
SOBRE
A GUERRA SEBASTICA.

De minimis non curat Prætor.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1810.

Com Licença.

CARTA.

AGRADEÇO-LHE, amigo, o mimo que me fez dos Folhetos *pro* e *contra* os *Sebastianistas*: esta nova guerra de penna póde chamar-se *Guerra Sebastica*; e oxalá fôra a unica que tivessemos a temer! Creio que toda a especie humana se vestiria de gala; só eu á minha parte, a pezar de não ter mais do que o necessario, protesto que deitava o meu vestido novo desde os pés até á cabeça, e mandava fazer hum capote azul forrado de veludo, que ando para fazer, e não tenho podido conseguir depois que Junot, de infausta memoria, lançou sobre nós todos a *capa magna* de sua *longa protecção*. Infelizmente, amigo, terei que me limitar ao meu sobre-casaco nos dias do acerbo frio, porque a guerra da tyrannia ainda continúa a opprimir a Peninsula, e talvez o meu sobre-tudo caia de venerando anciáo primeiro que esta se termine: e que será então de mim, que táo sujeito sou a constipar-me?

Voltemos á *Guerra Sebastica*; perdoem-me os senhores *Belligerantes*, semelhante guerra he impropria da época em que vivemos, julgo-a condemnavel; e lastimo, sem que a mágoa me parta o coração, que hajão homens, assás com tudo respeitaveis por suas luzes e talentos, que se occupem de ninharias, podendo applicar o tempo que consomem pueril e ridiculamente, ou em esclarecer seus Concidadãos, ou em ridiculizar o Gran-Bigamo, *Cidevant* Napoleáo.

Se olhára simplesmente para a natureza desta guerra *burlesca*, nem o que diz o Antagonista dos *Sebastianistas*, nem

o que responde o Campião destes, mereceria a minha attenção; questões de semelhante natureza só podem ler-se com prazer, quando o gracioso pincel de hum Boileau, ou Dinis as pintão com as risonhas côres do verdadeiro ridiculo.

Como porém o Author do Folheto intitulado os *Sebastianistas* diz na sua *justa defensa*, que não sente tanto as sátyras pessoaes quanto a censura, que farão de nós os Estrangeiros; para tranquillizar pois sua melindrosa consciencia, a dos que pensarem como elle, e mostrar que o são dos Portuguezes não tem parte alguma em guerra tão desprezivel, como intempestiva, lançarei aqui ao acaso alguns borrões.

Protesto que não conheço pessoalmente alguns dos individuos que se apresentão sobre a arêa, não he de minha intenção offendellos; estimo, e respeito muito o Author do Folheto *os Sebastianistas*; sobre os nossos pulpitos não sei que tenha havido Prégador mais eloquente; fólgo de ter tido esta occasião de publicar os meus sentimentos a seu respeito.

He verdade que d'Alembert, Secretario da Academia Franceza, disse, com mais espirito que verdade, tratando naquelle tempo do estado das Sciencias em Portugal, *que se poderia esperar de huma Nação, onde metade de seus individuos espera pela vinda do Messias, e a outra pela d'ElRei D. Sebastião?* Este bom dito (como lhe chamão os Francezes) passou em proverbio entre alguns Authores estrangeiros sem maior indagação, e com notoria injustiça. O senhor Abbade José Correa da Serra, sendo igualmente Secretario da nossa Academia de Lisboa, respondeo victoriosamente ao *Sarcasma* do Sabio Francez; e os vastissimos conhecimentos, que mostrou no seu discurso forão a melhor resposta que se lhe podia dar; ella attestará á posteridade que se havião nesses tempos Sebastianistas, havia tambem, e felizmente ainda vive, hum Portuguez que vale bem quantos d'Alemberts, Diderots, e outros famosos Emcyclopedistas Francezes tem havido, e provavelmente haverá, se Bonaparte continúa a divorcear-se com as Sciencias, como o vai praticando com as Consortes.

Avanço por tanto que não devemos recear que os Estrangeiros censurem os Portuguezes, quando souberem pelas declarações impressas da *Guerra Sebastica* (que não concedo cheguem ao seu conhecimento, o contrario *accuso-me Padre*

que

que sou basofia) que no anno de 1810 existem em Portugal *Sebastianistas*: as razões em que me fundo são as seguintes.

Em geral o que fórma a massa dos povos de todas as Nações he ignorante: podem huns ter industria, outros ser perguiçosos; porém na cultura da razão estão sempre ao nivel huns dos outros; todos tem igualmente abusos e preoccupações; a differença consiste sempre na natureza destes, para o que influe muito o clima, a Religião, e especie de governo: assim commummente as Nações de climas frios dizem que as Nações do Meio-dia são supersticiosas; ridiculizão, por exemplo, o costume que estas tem de pedirem a Santo Antonio que lhes depare as cousas perdidas, etc. As do Meio-dia censurão com maior razão aquellas por irem ter, em iguaes circunstancias, com hum descarado Charlatão, que nas praças públicas, e sitios de maior passagem he consultado por innumeravel povo, para que lhes ensine onde pára a cousa perdida; se guarda o marido fidelidade nas suas viagens; quem foi o ladrão que commetteo o furto; que numeros devem escolher para o Lotho, e outras mil frioleiras; dando huma fé illimitada a quanto o farropilha oraculo se digna responder-lhes. Só quem não tem ido a París, Londres, Vienna, e outras grandes Cidades se não tem visto assaltado por chusmas destes impostores, entregando por força papeletas impressas, que rezão dos seus milagres, e virtudes extra-humanas, nome da rua, número da casa, e horas para a sua consultação.

Ora, meu amigo, tudo isto se passa entre as Nações que se dizem as mais civilizadas do mundo, destas he só que temeriamos o baldão e a mofa: porém com que razão? Se he menos barbaro pensar que Deos póde fazer reviver ElRei D. Sebastião, do que prestar tanto crédito aos grosseiros oraculos de hum miseravel aventureiro como ás verdades demonstradas, ou ás profecias mais canonicas. Tudo isto, caro amigo, prova, se bem me parece, que os povos são genericamente iguaes em quanto á esféra de sua intelligencia; e porque nelles existem preoccupações, nem por isso diremos que o todo da Nação existe na infancia dos primeiros humanos; nem tal póde hoje acontecer depois que o commercio por huma parte, e a imprensa por outra se tem igualmente introduzido por entre to-

das

das as Nações, e derramado por ellas os mesmos gráos de conhecimentos na escola da razão humana.

Mr. D'Alembert que ria dos Sebastianistas, e dos Authores de todas as profecias feitas para annunciar a vinda d'ElRei D. Sebastião, esquecia-se sem dúvida do célebre compatriota seu *Nostradamus*, que de Medico se erigio Profeta, e que teve tanta celebridade, e número de Proselytas, que Henrique XI. o chamou para a sua Corte; Emmanuel, Duque de Saboia, e o Rei Carlos IX. se dignárão visitallo de proposito; as suas centurias profeticas impressas muitas vezes se tem conservado até agora na memoria dos Francezes, e os Napoleanistas de hoje por ellas tem explicado a Revolução, e o seu desfecho Napoleonico: pudéra citar outros muitos exemplos ainda mais modernos, porém basta este para demonstrar que lá onde existem homens, existem igualmente quimeras, erros, e abusos. Creio que ninguem duvidará que se os Portuguezes contão hum Bandarra, os Francezes não ficão atrás com o seu *Nostradamus*, que não era nenhum Çapateiro, mas hum Medico, que tinha obrigação de não ser tolo.

He assás demonstrado pela historia de todos os tempos e Nações, que a especie humana he naturalmente propensa para dar crédito a tudo o que he maravilhoso; daqui infinidade de miseraveis erros, segundo as circunstancias, em que se achão os homens postos em sociedade.

Por mais que os Filosofos trabalhem por esclarecer a razão dos povos, por mais que hum Governo liberal se esforce em extirpar abusos, os homens serão sempre o que tem sido, sempre os mesmos, em quanto não mudarem de natureza; e se por exemplo entre os Portuguezes não houvessem *Sebastianistas*, haveria outro qualquer prestigio, que se apoderasse de sua credulidade: se houvesse algum ajuntamento de homens, onde se não notassem absurdos semelhantes, seria sem dúvida na sonhada Republica de Platão; porém infelizmente estão ainda por nascer os individuos que a deverão compôr.

Do que acabo de dizer se conclue que receio algum devemos ter que os Estrangeiros mofem dos Portuguezes por haver ainda nelles *Sebastianistas*; quaesquer que elles fossem os que tivessem semelhante ousadia, não faltarião entre elles iguaes ridiculos, que podessemos lançar-lhes em rosto.

En-

Entretanto nós os Peninsulares podemos dizer á face do Universo: *A experiencia dos seculos tem mostrado que os povos mais barbaros são os que menos livres são, e mais escravos se deixão ser; nenhum povo como o Peninsular tem declarado no Continente tão sincera, e constante guerra á tyrannia; logo nós outros Portuguezes e Hespanhoes somos desta parte do mundo os homens menos escravos, menos barbaros; finalmente mais dignos do majestoso nome de homens.* Embora nos chamem *Sebastianistas*, Israelitas, tudo quanto quizerem, porque nem nos poderão chamar *Napoleanistas*, nem obscurecer a glória de que temos coberto nosso nome.

A unica cousa, segundo o meu aviso, que poderião os Estrangeiros censurar era o haver ainda entre nós quem seriamente se occupasse de semelhantes bagatellas, e que por meio de discursos, aliàs bem escritos, pertenda dar-lhe huma importancia que não tem, e hum valor que nunca poderá adquirir: porém isto mesmo se não póde recear; semelhantes escritos morrem com o dia que lhe prestou a luz, e raras vezes transpõem outros horizontes; e quando mesmo assim fôra, a guerra litteraria de tres ou quatro individuos nunca se poderia attribuir á pluralidade dos homens cordatos de huma Nação. Concluo finalmente que deixemos em paz os Sebastianistas subir ao alto de Santa Catharina, ou baixar á planicie da Junqueira, seja em dias de densa nevoa, de grossa chuva, ou nos serenos dias da Primavera; esperem embora alli até o fim dos seculos o seu *Encoberto* sem moverem pé: não contentes com estas esperanças, vivão persuadidos que Bonaparte deve vir morrer ao Campo de S. Braz; digão, vaticinem, prognostiquem, profetizem, adivinhem quanto bem lhes parecer, com tanto que não sejão *Bonapartistas*; porque se os homens de juizo, e razão cultivada quizerem tirar cataratas a quantos olhos não tem os raios vizuaes em seu lugar, então o genero humano se dividiria em duas classes, huma de *Oculistas*, e outra de *Oculados*: e que seria de nós, meu amigo, como nos livrariamos nós do *Gran-Bigamo*, e seus crueis *Bigamistas*? Mas não tenhamos receio algum, os nossos Generaes, e Officiaes não são Sebastianistas, não o he quem nos governa; a nossa magnanima Alliada he *Joanista*: não são, em huma palavra, *Sebastianistas* senão os que pouco ou nada podem influir na de-

defensa da nossa independencia; se háo de dar com a cabeça pelas pedras, gritar pelas ruas ás dez horas, bater pelas portas de noite, fazer correr a rapaziada atrás de si, exercitar-se no jogo da pedra, e outros passatempos, que poderiáo perturbar o socego público, he muito melhor que tranquilla, e innocentemente se entertenháo em suas casas, ou em lugares solitarios em conciliar as profecias do Bandarra, Pretinho do Japáo, e outros que taes Magarefos, com os acontecimentos do dia, até que a digestáo se faça, venháo de novo comer, e voltem ao Theatro de suas quimericas illusões.

Assim vai o mundo, amigo; assim o achámos, assim o deixaremos; cada hum representa o seu papel nesta grande Camera Optica, e mais feliz he aquelle que menos vezes ahi apparece. Já basta de enfado, de *Sebastianistas*, e de Carta. A Deos.

F I M.